

FUNCIONAMENTO DO *SE É QUE* CONDICIONAL: ANÁLISE DO CONECTOR A PARTIR DOS PARÂMETROS *EXISTÊNCIA OU NÃO DE PAUSA E ORDEM DA ORAÇÃO ADVERBIAL*

THE ‘SE É QUE’ CONDITIONAL FUNCTIONS: ANALYSIS OF THE CONNECTOR THROUGH THE *EXISTENCE/NON EXISTENCE AND WORD ORDER* PARAMETERS

Aymmée Silveira Santos¹
Camilo Rosa Silva²

RESUMO: A abordagem funcionalista entende que a descrição da condicionalidade deve ser estabelecida com base nos contextos reais de uso, sendo contemplados tanto os aspectos gramaticais quanto os discursivos. Sob esse viés, chama atenção o estudo das relações de condicionalidade presentes em orações adverbiais introduzidas pelo conector *se é que*, considerando que sua característica de conferir realce, ao ser utilizado como conector condicional, revela variações e funções inovadoras creditadas a motivações cognitivas e interacionais distintas. Situado nesse enfoque, este trabalho objetiva identificar e descrever variações sintáticas, semânticas e discursivas inerentes ao uso do conector *se é que* em contextos de condicionalidade. Para a reflexão proposta, elencamos os parâmetros *existência ou não de pausa*, indicado pela presença/ausência de sinal de pontuação, e *ordem da oração adverbial*, considerando a posição em que aparecem as orações adverbiais condicionais. Acreditamos que os referidos parâmetros podem evidenciar, em textos jornalísticos coletados no *Corpus do Português* (DAVIES; FERREIRA, 2006), diferentes propósitos comunicativos inerentes aos usos do conector condicional em tela, associados às informações veiculadas. A perspectiva de análise assumida recorre a fundamentos da Linguística Funcional Norte-Americana (NEVES, 1999, 2012, 2018; CASTILHO, 2010; GIVÓN, 1984, 1991; dentre outros). Os resultados apontam que o conector *se é que* apresenta peculiaridades em usos diversos, com influência direta na organização textual e discursiva.

PALAVRAS-CHAVE: Gramática Funcional. Parâmetros *existência ou não de pausa e ordem da oração adverbial*. Variações nos usos. Conector condicional *se é que*.

ABSTRACT: The functionalist perspective understands that the description of conditionality must be established based on the real contexts of use, considering both grammatical and discursive aspects. Under this bias, the study of conditionality relations inserted in adverbial clauses introduced by the connector *se é que*, calls our attention, considering that its characteristic of giving emphasis, when used as a conditional connector, reveals variations and innovative functions credited to distinct cognitive and interactional motivations. Considering this approach, this work aims to identify and describe syntactic, semantic and discursive variations inherent to the use of the connector in contexts of conditionality. For the proposed reflection, we list parameters *existence/non existence*, indicated by the presence/absence of a punctuation mark, and *word order*, considering the position in which the conditional adverbial clauses appear. We believe that these parameters can show, in journalistic texts collected in the *Corpus do Português* (DAVIES; FERREIRA, 2006), different communicative purposes inherent to the uses of the referred conditional connector, associated with the information conveyed. The analysis perspective adopted is based on the North American Functional Linguistics (NEVES, 1999, 2012, 2018; CASTILHO, 2010; GIVÓN, 1984, 1991; among others). The results indicate the connector presents peculiarities in different uses, with direct influence on the textual and discursive organization.

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba – UFPB. E-mail: aymmeesst@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4654-4033>.

² Doutor em Letras, pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB, com Pós-Doutorado em Letras na Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP. E-mail: camilorosa@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6230-8807>.

KEYWORDS: Functional Grammar. Parameters *existence or not of pause* and *adverbial clause order*. Variations in uses. Conditional connector *se é que*.

1 Introdução

Os estudos tradicionais da língua portuguesa consideram que as relações de condicionalidade são estabelecidas através da análise das orações iniciadas pela conjunção *se* e suas equivalentes (NEVES, 1999; 2012; 2018). Embora esse critério demonstre a produtividade do item *se*, classificado como conjunção condicional, considerado o mais prototípico³ de sua categoria, alguns estudiosos funcionalistas advertem que a condicionalidade, como qualquer outra função, se estabelece com base nos contextos reais de uso, sendo contemplados tanto os fatores gramaticais, quanto os discursivos (TRAUGOTT; HOPPER, 2003; NEVES, 2012; 2018).

Sob esse viés, o presente trabalho se volta para o estudo das relações de condicionalidade estabelecidas pelo conector *se é que*, levando em conta que, de acordo com Leão (1961, p. 101), trata-se de um item linguístico que confere realce ao ser utilizado como locução conjuncional condicional, como no exemplo por ele mencionado: “*se é que* ele pensa, verá o erro”. Essa característica conferidora de realce, no entanto, nos chamou atenção ao, intuitivamente, considerarmos que o conector revela variações de usos, investindo em funções inovadoras.

A perspectiva de análise ora assumida busca ancoragem na vertente da Linguística Funcional Norte-Americana, a qual subsidiará o objetivo do presente trabalho⁴ de identificar e descrever as variações sintáticas, semânticas e discursivas inerentes ao uso do conector *se é que* em contextos de condicionalidade. Pretendemos, assim, identificar pormenores funcionais peculiares aos usos do conector, utilizando um conjunto de dados extraídos de textos jornalísticos *online* selecionados no *Corpus do Português*, a ser descrito em seção posterior.

Com base na noção de gramática continuamente constituída, desenvolvida pelos estudos da vertente funcionalista, observamos que as relações de condicionalidade estabelecidas pelo conector⁵ *se é que* podem apresentar variações no que diz respeito: i) à presença versus ausência de sinal de pontuação; ii) à posição ocupada pelo conector e, conseqüentemente, pelas orações adverbiais condicionais, demonstrando intencionalidades e propósitos comunicativos associados às informações veiculadas.

Ao atribuírmos relevância aos sinais de pontuação numa análise de dados de escrita, nos ancoramos na percepção de que esses sinais são importantes marcadores prosódicos, cuja finalidade mais imediata seria acionar, na leitura do texto, nuances somente materializadas na oralidade. Aqui consideramos o contínuo no qual dispomos oralidade e escrita como modalidades de uso da língua que se interrelacionam nos diversos contextos. Entendemos, ainda, que além desse papel indicador das variações melódicas do texto, os sinais de pontuação são elementos guiadores das intencionalidades dos usuários e podem interferir na execução de práticas comunicativas bem ou malsucedidas.

Cumpramos esclarecermos que, embora reconheçamos as convenções que atribuem papéis determinados aos sinais de pontuação na estrutura das sentenças, a exemplo do uso do ponto final para sinalizar término de período, a abordagem do presente estudo mira o domínio discursivo,

³ Adotamos, no desenvolvimento do trabalho, a visão de *configuração prototípica* difundida por Givón ([1984] 2012, p. 42), em que “dentro de cada categoria, há o membro que ostenta o maior número de propriedades características, e é segundo essa semelhança que os demais membros devem ser classificados”.

⁴ Este trabalho é um recorte de Tese de Doutorado em Linguística, em fase de elaboração.

⁵ Os conectores não se relacionam ao universo biossocial, mas à articulação interna do texto, interligando segmentos da frase ou do texto. Desse modo, não têm em si um significado referencial, mas sim adquirem significado no contexto de uso. (TAVARES, 1999, p. 63).

extrapolando, desse modo, o aspecto meramente estrutural. De igual modo, apesar de os estudos linguísticos, em geral, abordarem a ordem dos constituintes de uma sentença como um dos parâmetros para a classificação das línguas naturais, aqui, destacamos a plausibilidade de haver mobilidade sintática, a depender dos propósitos comunicativos dos usuários da língua, o que ratifica a condição de iconicidade que caracteriza a linguagem verbal.

Acreditamos que o *se é que*, reconhecido como conector condicional por estudiosos funcionalistas, parece exercer diferentes funções, as quais, inclusive, se dissociam de algumas características apontadas pelos estudiosos como mais prototípicas dos conectores condicionais, a exemplo da preponderância da oração adverbial condicional na ordem anteposta à oração nuclear. Assim, a análise do *se é que* segundo os parâmetros por nós definidos contemplará questões discursivas concernentes ao comportamento do referido conector, as quais serão oportunamente pontuadas.

Para isso, o trabalho está organizado nas seguintes seções, somadas a esta introdução e seguidas por algumas considerações finais: *Abordagem metodológica*, que descreve os procedimentos metodológicos da pesquisa; *As orações condicionais e o conector condicional se é que: uma visão panorâmica*, que aborda as orações condicionais nas perspectivas tradicional e funcional, nelas inserido o conector condicional *se é que*; e *Crítérios de análise da variação sintática, semântica e discursiva nos usos do conector condicional se é que*, em que são descritos e aplicados os critérios para determinar a funcionalidade do conector *se é que* e suas variações sintáticas, semânticas e discursivas.

2 Abordagem metodológica

Como nossos propósitos, neste trabalho, visam à descrição de fatos linguísticos que se manifestam no uso, assumimos uma perspectiva de base qualitativa e interpretativista, focada na investigação de aspectos sintáticos, semânticos e discursivos instados pelo objeto de pesquisa ora selecionado, ou seja, o conector condicional *se é que*, atuante em orações hipotáticas adverbiais. Para tanto, serão levados em conta os contextos de produção e os propósitos comunicativos dos produtores dos textos jornalísticos *online*. A pesquisa é, também, de natureza quantitativa e descritiva, ao compreender um levantamento estatístico das ocorrências do referido conector, buscando descrever parâmetros e padrões de uso, esclarecedores do seu comportamento.

O *corpus* utilizado nesta pesquisa é o *Corpus do Português* (CPD), um banco de dados da língua portuguesa, compilado e mantido pelos pesquisadores Mark Davies (Universidade Brigham Young) e Michael J. Ferreira (Universidade de Georgetown), com suporte financeiro proveniente do U.S. National Endowment for the Humanities, além de suas respectivas instituições de ensino. O banco de dados é subdividido em quatro *corpora*, organizados segundo critérios, como gênero (acadêmico, ficcional, jornalístico e oral), períodos de tempo e dialetos da língua portuguesa. Delimitamos, particularmente, o *Corpus do Português NOW*⁶, que reúne notícias da *web* (aproximadamente 1,3 bilhão de palavras), presentes em jornais e revistas *online*, compreendendo o período que vai do ano de 2012 até o atual, recorte que atende o contingente de dados demandados para a análise por nós pretendida e adiante explicitada.

Conforme estudo desenvolvido por Nascimento (2004), os *sites* jornalísticos apresentam ritmo de produção e dinâmica de leitura próprias, possibilitando recursos de áudio, de vídeo, maior extensão dos textos, inserção de *links* que ligam a outras notícias de conteúdo semelhante, além de permitir que o usuário-leitor se comunique com o suporte através de comentários ou questionamentos acerca do que foi lido. Essas características permitem maior interação entre o

⁶ Descrição elaborada com base nas informações divulgadas na página virtual do *corpus*.

usuário-leitor e o veículo midiático, constituindo, entre outros fatores, elemento que ajuda a distinguir os jornais *online* dos jornais impressos.

Para a realização da coleta dos dados, procedemos a quantificação dos jornais selecionados, constituindo um total de 60 (sessenta) edições de diferentes jornais. A coleta foi realizada a partir do uso do localizador de texto presente no *Corpus do Português* e da leitura sistemática dos jornais⁷. A decisão tomada em relação ao recorte quantitativo é justificada por acreditarmos que o universo de textos que esse contingente compõe é representativo do português escrito nos jornais, alcançando suportes jornalísticos de regiões diversas do nosso país, sendo, estatisticamente, consistente para alcançarmos os objetivos da pesquisa. Também, levamos em consideração o volume de dados acessados, fato que supomos, *a priori*, atestar a produtividade do fenômeno investigado.

3 As orações condicionais e o conector condicional *se é que*: uma visão panorâmica

A presente seção explicita uma abordagem panorâmica sobre as orações adverbiais condicionais, com base nas gramáticas representativas de abordagens tradicionais e de abordagens funcionalistas, contemplando estudos sobre o conector condicional *se é que*. Para isso realizamos, inicialmente, uma revisão dos elementos que atuam como conjunções condicionais, presentes em uma amostra de compêndios gramaticais elaborados por gramáticos representativos da perspectiva tradicional e por gramáticos representativos da perspectiva funcionalista, utilizados frequentemente nos estudos da língua portuguesa. O resultado dessa revisão pode ser observado no seguinte quadro:

Quadro 01 – Conectores condicionais listadas em compêndios gramaticais

Melo (1978)	se, caso, a não ser que, sem que.
Rocha Lima ([1986] 2009)	se, caso, contanto que, sem que, uma vez que, dado que, desde que, etc.
Cunha ([1989] 2007)	se, caso, contanto que, salvo se, sem que [=se não], dado que, desde que, a menos que, a não ser que, etc.
Bechara (2009)	se, caso, sem que, uma vez que (com verbo no subjuntivo), desde que (com verbo no subjuntivo), dado que, contanto que, etc.
Castilho (2010)	se, se...então, se...é porque, se é que, como se, se...é/era/for, etc.
Bagno (2011)	se, caso, se acaso, se...então ⁸
Neves (2018)	se, caso, que [= sem que], contanto que, desde que, a menos que, a não ser que, sem que, uma vez que, dado que, salvo se, exceto se, como se, se...então, se é que, etc.

Fonte: elaboração própria.

⁷ O processo de coleta e seleção dos jornais desconsiderou os jornais de Portugal que constavam no banco de dados, uma vez que buscamos investigar os usos do conector na língua portuguesa brasileira; além disso, excluiu os *sites* que se encontravam com a página indisponível no momento da busca.

⁸ Bagno (2011) apresenta a classificação do *se...então* em correlativa hipotética, uma vez que, segundo ele, as conjunções correlativas introduzem sentenças que estão em interdependência, a meio caminho entre a coordenação e a subordinação (BAGNO, 2011).

De modo geral, observamos, no Quadro 1, a presença da conjunção *se* em todos os compêndios gramaticais que foram consultados. Esse resultado ressalta o *se* como elemento prototípico das conjunções condicionais. Além disso, vemos no referido quadro, a presença de elementos condicionais mais inovadores nos compêndios gramaticais desenvolvidos por Castilho (2010) e Neves (2018), de abordagem funcionalista, quando comparamos com os demais compêndios, de caráter tradicionalista. Observamos, nesse sentido, que o *se é que* é apresentado apenas por esses dois gramáticos como um dos conectores que podem estabelecer relação de condicionalidade.

Ao examinarmos de maneira mais detalhada cada um dos compêndios gramaticais mencionados no Quadro 1, no que diz respeito ao tratamento das orações condicionais, constatamos que Melo (1978) as indica como uma subclasse das conjunções subordinativas. O autor defende que a oração subordinada recebe nome conforme o papel que desempenha na oração da qual é dependente. Desse modo, ao caracterizá-la por elementos que exprimem hipótese ou condição, indica como exemplo de oração adverbial condicional ou hipotética “*Evitavam-se; se podiam, não comiam juntos; se comiam juntos, diziam pouco ou nada (Machado, Esaú e Jacó, p. 306)*” (MELO, 1978, p. 151).

As orações condicionais são apresentadas por Rocha Lima ([1986] 2009) como um tipo de oração subordinativa. É oportuno mencionar que o autor discorre sobre o tema de maneira embrionária e pouco esclarecedora, uma vez que não há explanação do que vem a ser uma oração condicional. O gramático apresenta, tão somente, alguns termos que podem ser classificados como conjunções condicionais e aponta dois exemplos desse tipo de oração: *Irei a casa, [se puder.]* e *Contar-lhe-ei o caso, [contanto que você guarde segredo]* (ROCHA LIMA, [1986] 2009, p. 237).

Ao tratar esse tópico, Cunha ([1989] 2007) atesta que as conjunções subordinadas condicionais iniciam orações adverbiais, o que se configura como uma informação a mais, quando comparamos com Rocha Lima ([1986] 2009). O autor aponta que as orações condicionais são definidas como aquelas que “iniciam uma oração subordinada em que se indica uma hipótese ou uma condição necessária para que seja realizado ou não o fato principal” (Cunha ([1989] 2007), p. 338). A título de exemplificação, é apresentada a oração *Seria mais poeta, se fosse menos político* (M. de Assis).

Para justificar a classificação de determinadas conjunções como condicionais, Bechara (2009) explica que o elemento *se* transpõe oração ao nível de advérbio, estando qualificada a exercer a função de adjunto adverbial, com valor de circunstância de condição (BECHARA, 2009). Posteriormente, o gramático conceitua as orações condicionais e hipotéticas como aquelas que, ao iniciarem uma oração, em geral exprimem: a) uma condição necessária para que se realize ou se deixe de realizar o que se declara na oração principal; b) um fato – real ou suposto – em contradição com o que se exprime na principal. O autor destaca como principais conjunções dessa classe o *se, caso, sem que, uma vez que (com verbo no subjuntivo), desde que (com verbo no subjuntivo), dado que, contanto que, etc.* Exemplifica, por fim, as orações condicionais em *Se os homens não tivessem alguma coisa de loucos, seriam incapazes de heroísmo [MM]* (BECHARA, 2009, p. 327).

Castilho (2010, p. 375), por sua vez, reconhece que, tradicionalmente, há três tipos de relacionamento entre a prótase, que é a primeira sentença, e a apódose, a segunda sentença. O primeiro deles é definido condicional real ou factual, uma vez que o enunciado da prótase é concebido como real, e em decorrência disso o enunciado da apódose é tido como uma consequência necessária, igualmente real. Segundo o linguista, essas condicionais remetem para o mundo do já sabido, e geralmente apresentam o esquema [*se* + indicativo/indicativo], para fazer referência à partícula *se* seguida dos modos dos verbos presentes na oração condicional e na oração principal, visto em seu exemplo: *se eu estudo, passo de ano*. O autor acrescenta que as condicionais reais mostram paralelismo com as causais e as conclusivas em

Se S1, é porque S2 e Se S1, então S2, nos respectivos exemplos: (...) porém se há persistência do nódulo...é porque aquele nódulo é patológico; (...) Se essa aréola possui uma série de tubérculos...então o tubérculo é nomeado de (...)”.

A relação modo-temporal desses tipos também foi analisada, em que se obteve a predominância do presente do indicativo, tal como Castilho (2010) apresenta no já mencionado esquema.

O segundo tipo de relacionamento entre a prótase e a apódose é chamado de condicionais eventuais ou potenciais, pois a prótase é eventual, e a apódose confirma a hipótese anterior desde que seja satisfeita a condição verbalizada na prótase. De acordo com Castilho (2010), as condicionais eventuais representam o mundo epistemicamente possível, tendo como esquema habitual o [se + subjuntivo/indicativo], ilustrado no exemplo: *Eu acho que se sair antes das seis horas da manhã sai melhor.*

O terceiro tipo é denominado de condicionais contrafactuais ou irrealis, em que a prótase encerra uma afirmação falsa, contrária à realidade. O esquema apresentado pelo autor é o [se + subjuntivo/forma em -iria], demonstrado em: *a imagem que eu fazia era a seguinte: se o Japão fosse uma Birmânia (...) as economias industriais que ganharam a Segunda Guerra não teriam ajudado o Japão.*

Neves (2018) destina um capítulo de sua gramática para discorrer sobre as orações subordinadas adverbiais condicionais. Para introduzir a noção desse tipo de oração, inicia seu capítulo apresentando o texto *Amigos da onça*, escrito por Petrarca da Cunha Melo Maranhão, que, de acordo com a autora, trata de um episódio de nosso folclore que originou a expressão *amigo da onça*. Após detalhar a narração do episódio, a linguista assevera que no texto há uma série de orações iniciadas por *se*, conector utilizado para expressar um evento hipotético que constitui uma hipótese/condição para que ocorra o evento expresso na segunda oração, a oração principal. O fenômeno descrito pode ser visualizado na passagem do texto *Se eu encontrasse uma onça no meu caminho, eu logo me ocultaria no primeiro lugar que encontrasse* [= a eventualidade de eu encontrar uma onça no meu caminho condiciona o evento de eu me ocultar no primeiro lugar que encontrar] (NEVES, 2018, pp. 909-910). Em relação a esse mesmo trecho, é acrescida a informação de que estamos diante, pois, de um período composto por subordinação, em que a oração que indica condição exerce a função de adjunto adverbial de condição.

Ao discorrer sobre as orações subordinadas adverbiais condicionais, um dos pontos discutidos por Neves (2018) é a ordem das orações, ao frisar que a oração condicional posposta, isto é, colocada no final da frase, representa de modo mais evidente uma informação nova e relevante, enquanto que a oração condicional anteposta, em que a condição é anterior àquilo que é condicionado, é uma espécie de ponto de apoio para o que se vai dizer a seguir. Neves (2018) aponta a oração condicional anteposta como mais frequente, além de observar que, geralmente, o uso de vírgula se faz mais presente em orações condicionais antepostas do que em orações condicionais pospostas.

Por fim, no que se refere ao estatuto informacional das orações adverbiais condicionais, é relevante acrescentarmos que o falante, tendo como parâmetro o que julga ser do conhecimento do ouvinte durante a comunicação, configura sua fala, sintaticamente, com vistas à eficácia da comunicação. Nesse sentido, a informação velha representa o que o falante acredita estar na consciência do ouvinte; enquanto a informação nova corresponde ao que o falante acredita estar acrescentando à consciência do ouvinte no momento da enunciação. Além disso, se uma informação for recuperada com base no contexto precedente, é considerada velha, se não, é nova (CHAFE, 1976).

Finalizado esse panorama acerca do tratamento que o objeto tem recebido em gramáticas tradicionais e em outros estudos perspectivados pela abordagem da linguística funcional, na seção a seguir, apresentamos os parâmetros com os quais trabalhamos e a análise do

comportamento do conector *se é que*, para evidenciarmos as variações sintáticas, semânticas e discursivas inerentes a seus usos.

4 Análise dos parâmetros *existência ou não de pausa e ordem da oração adverbial: variação nos usos do conector condicional se é que*

Com a finalidade de analisar variações sintáticas, semânticas e discursivas apresentadas nas relações de condicionalidade estabelecidas pelo conector condicional *se é que*, elencamos os parâmetros *existência ou não de pausa e ordem da oração adverbial*.

Em se tratando de textos escritos, a existência ou não de pausa, indicada através de sinais de pontuação, revela o índice de integração entre as orações adverbial e nuclear. A existência de pausa nas adverbiais condicionais marca um maior grau de independência sintática entre as orações, a despeito da dependência semântica, sendo denominadas, portanto, orações hipotáticas (HOPPER; TRAUGOTT, 1993). Em outras palavras, os conectores seguidos ou precedidos de pausa (sinalizada pela pontuação) são mais prototípicos que aqueles que não a apresentam. A ausência de pausa, por sua vez, remete a uma ligação mais forte entre as orações.

Por sua vez, a ordem em que a oração adverbial aparece em relação à oração nuclear é outro parâmetro que representa o grau de prototipicidade dos elementos conectores condicionais. Segundo Neves (2018), a oração condicional anteposta à oração nuclear é mais frequente, além do fato de que a existência de pausa sinalizada pela pontuação também é mais recorrente em orações condicionais antepostas do que em orações condicionais pospostas à oração nuclear. Ainda, a adverbial condicional pode aparecer de modo intercalado com a oração nuclear, com a existência ou não de vírgulas. Dessa forma, nos guiaremos por essa constatação da autora para observarmos o conector condicional presente na oração anteposta, considerando que esta é mais prototípica do que as orações condicionais pospostas ou intercaladas à oração nuclear.

Na amostra de 60 textos analisados, identificamos 50 ocorrências do item *se é que*, atestando a recorrência produtiva deste conector pelos usuários que escrevem nos jornais pesquisados. Ao aplicarmos os parâmetros formulados, contemplando os critérios sintáticos, semânticos e discursivos, os dados encontrados revelaram uma variação no que diz respeito ao uso do conector, o que corrobora, em relação a esse microdomínio funcional, a noção de que a gramática é continuamente constituída (GIVÓN, 1991).

Com relação ao parâmetro *existência ou não de pausa*, constatamos a prevalência de sinal de pontuação, que entendemos ser indicativa da intenção do usuário de demarcar a pausa, ao fazer uso do conector. A presença desse recurso pode indicar maior independência sintática entre as orações adverbial e nuclear. Nos dados coletados, esse parâmetro se comporta, quantitativamente, de acordo com a Tabela 01, a seguir:

Tabela 01 – Existência ou não de pausa nos usos do conector condicional *se é que*

Parâmetro	Quantidade	%
Existência de pausa	48	96
Ausência de pausa	02	4
Total	50	100

Fonte: elaboração própria.

Conforme visualizamos na tabela, em quase sua totalidade de ocorrências as orações adverbiais condicionais introduzidas pelo item *se é que* foram utilizadas com sinais de pontuação marcadores de pausa, correspondendo a 96% do total, ao passo que apenas em 4%

do total houve orações condicionais com ausência de pausa. Esses resultados demonstram que o *se é que* é utilizado de maneira quase categórica precedido ou seguido do recurso do sinal de pontuação. Além disso, reforçam o fato de que a existência de pausa revela maior independência entre as orações nuclear e adverbial e maior mobilidade das adverbiais em diferentes pontos da escala da sentença, característica inerente às hipotáticas adverbiais. Vejamos alguns dados que ilustram os usos do *se é que*:

- (01) O ministro Marco Aurélio Mello alerta que há jurisprudência na Suprema Corte para que, em casos como o que gerou o recurso que será julgado pelo plenário, se conceda o benefício da progressão do regime ao condenado quando não há estabelecimento próprio para o cumprimento da pena. “Não pode o condenado ficar num regime mais gravoso por deficiência do Estado. O sistema carcerário precisa ser revisto **se é que** se pretende de fato recuperar alguém”, salientou. (ESTADO DE MINAS)
- (02) Desgraçados ainda mais com esta imagem eloquente de Rodrigo Rocha Loures, do Brasil Oficial, com seus batedores de carteira, isso mesmo, batedores de carteira porque o dinheiro roubado sai dos nossos bolsos e do nosso suor, da nossa carteira sagrada quando sobra um dinheirinho. **Se é que** sobra. (DIÁRIO DE PERNAMBUCO)
- (03) "Há muito medo de violência por parte do Bolsonaro. Você vê que o filho dele chegou a gravar uma notícia, um pensamento – **se é que** pode chamar assim o jeito o que eles falam. A coisa é tão impressionante – não sei se a pessoa pensou para falar – mas diz que prender, fechar o Supremo Tribunal Federal é coisa de... se eles desafiarem o Poder Executivo, mandariam um cabo e um soldado... um cabo e um soldado, nem de jipe precisariam... e uma pessoa que fala isso, não sei se pensa para falar. Mas se nem um ministro do Supremo hoje está a salvo, você imagina o policial federal que discorda", disse Haddad. (G1)
- (04) Guerra dos sexos à parte, o dinheiro se consolidou como tabu dentro de casa. Quem ganha mais? Quem paga o jantar? Quem assume o papel de principal provedor (**se é que** ele ainda existe)? Como dividir as despesas dos filhos e as contas domésticas? (ESTADO DE MINAS)

Os dados expostos em (01), (02), (03) e (04) demonstram ocorrências de orações adverbiais condicionais introduzidas pelo conector *se é que*. A partir deles, observamos a variação dos usos do *se é que* no que concerne à *existência ou não de pausa*, em situações precedidas ou seguidas de sinal de pontuação entre as orações adverbial e nuclear, mobilizando estratégias discursivas que indicam possíveis intenções dos usuários. Enquanto o dado (01) trata de uma ocorrência em que há ausência de pausa entre as orações adverbial e nuclear, uma vez que não foi utilizado sinal de pontuação, os dados (02), (03) e (04) tratam de ocorrências com a existência de pausa entre as orações, tendo sido utilizados, respectivamente, o ponto final, o travessão e os parênteses. Essa variação se faz relevante em nosso estudo, considerando que, conforme já mencionado, se trata de uma abordagem que investe no aspecto discursivo, extrapolando, desse modo, a configuração estrutural, o que justifica considerarmos que ocorrências que trazem o conector após o ponto final, a exemplo de (02), articulam a função hipotática em relação à oração anterior. Apesar de reconhecermos que, convencionalmente, o uso do ponto final sinaliza término de período, levando em conta os valores discursivos, vemos que em (02), estamos diante de uma situação atípica, rompendo com a classificação de hipotáticas adverbiais que evidenciam relações sintáticas no interior de um período.

Assim, consideramos que poderia se instalar uma relação de maior dependência, inclusive sintática, não inviabilizada a despeito da imposição limítrofe do sinal de pontuação.

Observemos que o uso do ponto final sinaliza, entonacionalmente, uma pausa maior, quando comparada aos demais sinais de pontuação. Conforme é evidenciado em (02), o usuário do conector condicional, ao utilizar o ponto final, apontou um corte perceptível no fluxo textual, estratégia comunicativa que contribuiu para atribuir maior realce à informação contida na oração adverbial, independente de ser uma informação velha ou nova. Embora menos evidente que o ponto final, o uso do travessão e dos parênteses, vistos em (03) e (04) também marcam uma pausa maior em relação ao uso da vírgula, indicando o objetivo do usuário de focalizar uma informação, contribuindo para a composição discursiva. Essa variação de sinais de pontuação indicadores de pausa revela um grau de independência sintática entre as orações de modo contínuo, que pode ser ilustrado da seguinte maneira, a despeito de essa independência poder, em alguns contextos ser mais – ou menos – desconsiderada:

Vírgula > Travessão > Parênteses > Ponto final
(- independência estrutural) (+ independência estrutural)

No que diz respeito ao parâmetro *ordem da oração adverbial*, obtivemos os seguintes resultados quantitativos, dispostos na Tabela 02:

Tabela 02 – Ordem da oração adverbial nos usos do conector condicional *se é que*

Parâmetro	Quantidade	%
Anteposta	02	4
Posposta	31	62
Intercalada	17	34

Fonte: elaboração própria.

Com base nos resultados dispostos na tabela, verificamos a predominância da posição da oração adverbial construída com o *se é que* condicional, com 62% das ocorrências, seguido da ordem intercalada, que corresponde a 34% das ocorrências e por fim, das antepostas, que representam apenas 4% das ocorrências. A sobreposição das orações adverbiais pospostas e das intercaladas e a quantidade pouco expressiva de adverbiais antepostas revelam um resultado inovador no que se refere ao comportamento prototípico dos conectores condicionais, o que se distancia, inclusive, da afirmação dos estudos funcionalistas que apontaram a anteposição da oração adverbial condicional como a mais frequente (NEVES, 2018). Considerando a totalidade de ocorrências, o conector *se é que* evidencia uma expressividade maior das adverbiais na ordem posposta à oração nuclear, além de apresentar quantidade significativa de orações adverbiais intercaladas, o que remete a uma maior complexidade sintática e semântica nos usos do conector *se é que*.

O dado (01), apresentado anteriormente, ilustra a oração adverbial condicional na posição posposta à oração nuclear. Notamos que a oração encabeçada pelo conector *se é que se pretende de fato recuperar alguém* é vista em posição posposta à oração nuclear *O sistema carcerário precisa ser revisto*. Vejamos algumas ocorrências que demonstram a oração adverbial introduzida pelo *se é que* em posição anteposta e intercalada, respectivamente:

(05) Sou assinante da Folha de São Paulo já faz muitos anos e adorava ler os seus artigos sensatos e inteligentes. Nossos sentimentos a todos que estão à sua volta. **Se é que**

existe céu, que as portas estejam abertas em toda a sua dimensão!..... (FOLHA DE SÃO PAULO)

- (06) A organização evitou estimar a quantidade de presentes e confirmar que a mobilização no Recife era uma defesa deliberada de Sérgio Moro. “Não é uma defesa ao juiz, mas para evidenciar o ultraje das acusações. Se elas fossem verdadeiras, ainda assim seriam vazias. Sérgio Moro, **se é que** estava fazendo algo, estava deliberando para outros membros. Afinal, força-tarefa existe para prender os envolvidos em corrupção”, afirmou o policial militar e conselheiro da Direita Pernambuco Maxwell Cavalcanti, 35 anos. (DIÁRIO DE PERNAMBUCO)

A ocorrência (05) ilustra uma situação em que a adverbial condicional introduzida pelo conector *se é que* aparece antes da oração nuclear, cujo conteúdo remete a um desejo do usuário em relação a um fato ocorrido. A ocorrência (06), por sua vez, demonstra uma ocorrência do conector em posição intercalada com o sujeito da oração nuclear *Sérgio Moro*.

Ao realizarmos o cruzamento dos parâmetros *existência ou não de pausa e ordem da oração adverbial*, obtivemos os resultados que constam na Tabela 03, a seguir:

Tabela 03 – Cruzamento dos parâmetros *existência ou não de pausa e ordem da oração adverbial*

Conector condicional	Parâmetro					
	Anteposta com pausa	Anteposta sem pausa	Posposta com pausa	Posposta sem pausa	Intercalada com pausa	Intercalada sem pausa
Se é que	02/02 (100%)	-	29/31 (94%)	02/31 (6%)	17/17 (100%)	-

Fonte: elaboração própria.

A Tabela 03 nos mostra que a existência de pausa prevaleceu nas ocorrências em que o conector condicional *se é que* introduziu as orações adverbiais em posição anteposta e posposta, e que houve o uso categórico de sinais de pontuação marcadores de pausa em posição intercalada. Essa comprovação evidencia que a condicional aparece, majoritariamente, em contextos em que se busca, a partir do uso de sinal de pontuação, recurso demandado por fatores sintáticos e semânticos, mas também discursivos, visto que pode reforçar a focalização de uma informação, posta em posição anterior à oração nuclear.

Os resultados categóricos para a presença de pontuação nas antepostas com pausa e nas intercaladas com pausa eram esperados porque evidenciam fatores relacionados à entonação e podem, também, revelar influência de abordagens pedagógicas oriundas das orientações normativistas. Sabemos o quanto a escola e os professores são pressionados a valorizar a prescrição e reproduzir os comportamentos espelhados nas gramáticas tradicionais.

Considerando aspectos discursivos que envolvem os usos do conector em tela, ao retomarmos o dado (05), observamos que a oração adverbial *Se é que existe céu* aparece em posição anteposta acompanhada de sinal indicador de pausa devido, provavelmente, ao propósito do usuário de sinalizar realce a uma dúvida expressa, servindo, também, como uma espécie de ponto de apoio para o que se vai dizer em seguida (NEVES, 2018).

Recuperando o dado (06), podemos visualizar que uma das ocorrências de orações intercaladas introduzidas pelo conector *se é que*, seguida de sinal de pontuação indicador de pausa. O uso da oração adverbial encabeçada pelo *se é que* em posição intercalada revela a possibilidade de maior distanciamento entre a condicional e a informação presente na oração nuclear, viabilizando sua colocação em diferentes pontos da escala da sentença. Por consequência, contém maior complexidade estrutural e cognitiva.

Voltemos aos dados (01) e (03), e vejamos o dado (07), para ilustrar as orações pospostas encabeçadas pelo conector, com e sem a presença de sinal indicador de pausa:

(01) O ministro Marco Aurélio Mello alerta que há jurisprudência na Suprema Corte para que, em casos como o que gerou o recurso que será julgado pelo plenário, se conceda o benefício da progressão do regime ao condenado quando não há estabelecimento próprio para o cumprimento da pena. “Não pode o condenado ficar num regime mais gravoso por deficiência do Estado. O sistema carcerário precisa ser revisto **se é que** se pretende de fato recuperar alguém”, salientou. (ESTADO DE MINAS)

(03) "Há muito medo de violência por parte do Bolsonaro. Você vê que o filho dele chegou a gravar uma notícia, um pensamento – **se é que** pode chamar assim o jeito o que eles falam. A coisa é tão impressionante – não sei se a pessoa pensou para falar – mas diz que prender, fechar o Supremo Tribunal Federal é coisa de... se eles desafiam o Poder Executivo, mandariam um cabo e um soldado... um cabo e um soldado, nem de jipe precisariam... e uma pessoa que fala isso, não sei se pensa para falar. Mas se nem um ministro do Supremo hoje está a salvo, você imagina o policial federal que discorda", disse Haddad. (G1)

(07) Esse trabalho de coleta seletiva de lixo deve ser feito por toda a população **se é que** a população quer buscar reduzir a poluição. (DIÁRIO DE PERNAMBUCO).

No dado (07), observamos uma ocorrência do *se é que* em posição posposta sem a presença de sinal de pontuação. Notamos que a informação condicional *se é que a população quer buscar reduzir a poluição* está intrinsecamente relacionada à informação presente na oração nuclear de que *Esse trabalho de coleta seletiva de lixo deve ser feito por toda a população*, estabelecendo uma relação de dúvida.

No dado (03), por sua vez, está presente uma ocorrência de oração adverbial posposta com pausa, cuja independência sintática, mas não semântica, é marcada pelo uso do travessão, assinalando um desdobramento do que foi dito anteriormente, isto é, um pensamento, em que o usuário manifesta uma opinião de modo a deixar implícito que não concorda que seja chamado de pensamento.

Notamos que em (01) e em (07) os usos do *se é que* expressam menos ironia e mais condição que o uso do conector explicitado em (03), que reforça um viés mais irônico, evidenciado, inclusive, através do uso do travessão para indicar pausa.

A partir dos resultados explicitados nos dados em análise, percebemos que a presença de sinal de pontuação nas posições anteposta, posposta e intercalada, nas orações introduzidas pelo *se é que*, funciona não apenas para expressar os valores semânticos explicitados, mas, principalmente, serve de estratégia comunicativa para constituir diferentes motivações cognitivas e interacionais, como ressaltar uma dúvida maior quanto à eventualidade expressa ou atribuir um caráter irônico em relação à informação veiculada na oração nuclear. Essas diferentes motivações cognitivas e interacionais podem explicar, também, a maior diversidade de sinais de pontuação indicadores de pausa em orações pospostas encabeçadas pelo *se é que*, a exemplo do travessão, dos parênteses e do ponto final, ao apontarem um corte perceptível no fluxo textual, contribuindo com a composição discursiva.

5 Considerações finais

O presente trabalho teve como objetivo descrever e analisar o parâmetro *existência ou não de pausa* e sua relação com o parâmetro *ordem da oração adverbial* nas orações adverbiais condicionais introduzidas pelo conector *se é que*, a fim de identificar suas variações sintáticas, semânticas e discursivas.

Inicialmente, realizamos a quantificação das orações adverbiais condicionais introduzidas pelo conector nos textos jornalísticos *online*, o que possibilitou confirmar que o item vem sendo utilizado com frequência no exercício das relações de condicionalidade em situações de escrita da língua, a partir dos propósitos comunicativos dos usuários. Em sequência, analisamos as variações sintáticas, semânticas e discursivas do conector condicional, através da aplicação dos parâmetros descritos, isto é, *existência ou não de pausa* e *ordem da oração adverbial*. Constatamos a diversidade de seus usos, com influência direta na organização textual e discursiva.

Evidenciamos, por exemplo, ao aplicarmos o parâmetro *existência ou não de pausa*, que a presença de sinais de pontuação indicadores de pausa nas orações encabeçadas pelo conector *se é que* são um indicativo que reforça um maior distanciamento da função de condicionalidade.

Ao relacionarmos este parâmetro com o parâmetro *ordem da oração adverbial*, identificamos a presença de sinal de pontuação nas posições anteposta, posposta e intercalada, nas orações introduzidas pelo *se é que*, o que permitiu constatar que seu uso contribui não apenas para expressar valores semânticos, mas, principalmente, serve de estratégia comunicativa para constituir diferentes motivações cognitivas e interacionais, como ressaltar uma dúvida maior quanto à eventualidade expressa, também para atribuir um caráter irônico ou mesmo inserir alguma conotação de ressalva em relação à informação veiculada na oração nuclear. Mas esse último tópico seria objeto para outras investigações...

Referências

- BAGNO, M. **Gramática pedagógica do Português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- CASTILHO, A. T. de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.
- CHAFE, W. L. Givenness, Contrastiveness, Definiteness, subjects, topics and point of view In: LI, C. **Subject and Topic**. New York: Academic Press, 1976.
- CUNHA, C. (1989). **Gramática do português contemporâneo**. Edição de bolso. Rio de Janeiro: Lexikon; Porto Alegre, RS: L&PM, 2007.
- DAVIES, M.; FERREIRA, M. F. **Corpus do português**. 2006. Disponível em: www.corpusdoportugues.org. Acesso em: 07 mai. 2020.
- GIVÓN, T. **Syntax I**. New York: Academic Press, 1984.
- GIVÓN, T. Serial verbs and mental reality of “event”: grammatical vs. Cognitive packaging. In: Elizabeth TRAUOGOTT; B. HEINE (eds.) **Approaches to grammaticalization**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1991. v.1.
- HOPPER, P. TRAUOGOTT, E. C. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- LEÃO, A. V. **O período hipotético iniciado por se**. Belo Horizonte, Universidade de Minas Gerais, 1961.
- MARTELOTTA, M. E. T.; AREAS, K. E. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: Maria Angélica Furtado da Cunha; Mariangela Rios de Oliveira; Mário Eduardo Toscano

- Martelotta. (Org.). **Linguística funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A / Faperj, 2003.
- MELO, G. C. de. **Gramática fundamental da língua portuguesa: de acordo com a nomenclatura gramatical brasileira**. 3.ed. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1978.
- NASCIMENTO, A. S. do. **Webwriting e o texto no jornalismo online**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.
- NEVES, M. H. M. **Gramática do Português Falado**. Vol VII. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.
- NEVES, M. H. M. **A Gramática passada a limpo: conceitos, análises e parâmetros**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- NEVES, M. H. M. **Gramática funcional: interação, discurso e texto**. São Paulo: Contexto, 2018.
- ROCHA LIMA, C. H. (1986). **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**, 55ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2019.
- TAVARES, M. A. **Um estudo variacionista de *aí, daí, então* e *e* como conectores sequenciadores retroativo-propulsores na fala de Florianópolis**. 1999. 176f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1999.

Submetido em 18/02/2022

Aceito em 20/05/2022